

A ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO EM JOÃO BATISTA DE LA SALLE

Clóvis Trezzi¹

RESUMO: A estética está presente em nossas vidas, e isso não se pode negar. Ela aparece em diversos setores, incluindo a educação. João Batista de La Salle, pedagogo francês do Século XVII/XVIII, desenvolveu uma idéia de escola com forte sentido estético. Em sua obra *Conduite des Écoles Chretiennes* é possível perceber como isso acontece.

PALAVRAS-CHAVE: Educação estética, La Salle, formação humana.

ABSTRACT: *The aesthetic is present in our lives, and it can not be denied. She appears in several sectors, including education. John Baptist De La Salle, French Educator of the XVII/XVIII Century, developed an idea of school with a big aesthetic sense. In his book Conduite des Écoles Chretiennes you can see how this happens.*

KEYWORDS: *Aesthetic education, La Salle, human formation.*

Introdução

Hoje há uma grande preocupação com a ética e estética nos diferentes âmbitos sociais; podemos perceber que especialmente a primeira aparece em muitos locais, e com diferentes significações e denominações: ética no trabalho, ética social, ética na política, ética religiosa...

A estética também está presente no cotidiano, especialmente no âmbito pessoal: a busca do belo. Muitas vezes essa busca é desesperada, numa tentativa da pessoa de conquistar espaço na sociedade; para isso, faz sacrifícios os mais variados, passando por diversas privações na procura de um corpo perfeito.

Neste texto queremos mostrar a dimensão estética na educação, mais especificamente em João Batista de La Salle, educador francês dos séculos XVII/XVIII que foi um grande inovador

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), especialista em Ensino Religioso e Pastoral da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), formado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em Pedagogia pela União Educacional do Meio-Oeste Paranaense (UNIMEO). E-mail: clovistr@gmail.com. Endereço para contato: Rua Coronel Pedro Dias de Campos, 1094 – Vila Matilde – São Paulo – SP – CEP 03508-010.

da escola na sua época. Iremos apresentar uma de suas obras principais na qual demonstra como queria organizada a escola e como a dimensão da estética se apresenta nessa escola.

De acordo com Iser (in Rosenfield et al, 2001, p. 35), a estética foi definida em 1735 por Baumgarten como a ciência de como as coisas podem ser conhecidas pelos sentidos. Essa definição vai além daquilo que costumeiramente se fala, que é a questão do belo ou agradável aos olhos. Pelo contrário, a estética é captada por todos os sentidos.

Hegel, por sua vez, também fala na estética como “um objeto que o pensamento é incapaz de apreender” (HEGEL, 1974, p.165). Assim sendo, podemos perceber que ela é mais do que aquilo que já apresentamos, ou seja, mais do que a busca do belo pelo belo, embora esta seja uma de suas faces.

Na escola, a estética aparece em diversos momentos, que veremos a seguir: na organização, na maneira de tratarem-se entre si alunos e professores, no comportamento geral, na limpeza e cuidado do aspecto físico, na construção do currículo e dos conteúdos... Freire diz que “ensinar exige ética e estética” (FREIRE, 2001, p. 32). E esses dois elementos estão presentes no dia a dia da escola, normalmente sem que as pessoas deem-se conta disso.

1. João Batista de La Salle – Alguns aspectos históricos

João Batista de La Salle nasceu na cidade de Reims, na França, no ano de 1651. era descendente de família ligada à nobreza, com antepassados que lutaram nas Cruzadas. Seu pai, Luís de La Salle, era um dos conselheiros do rei Luís XIV; embora esse fosse um cargo político de menos importância, era membro da alta burguesia de Reims. Já sua mãe, Nicole Moët de Brouillet, era da nobreza rural, de uma família de tradicionais cultivadores de vinhas e produtores de champanhe, até os dias de hoje.

Dotado de uma inteligência um tanto incomum, La Salle, aos 11 anos de idade decidiu ser padre. O pedido foi aceito por seus pais, tendo em vista que, na Idade Média, o clero ainda exercia uma grande influência na sociedade em geral e na política em particular.

Aos 16 anos, La Salle já era cônego na Catedral de Reims e, aos 27 anos, ordenou-se sacerdote. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia nas Universidades de São Sulpício e Sorbonne, respectivamente, adquirindo assim importante cabedal teórico que muito o iria auxiliar mais tarde na tarefa que assumiu: a da educação.

Alguns meses depois de ordenado padre, ao dirigir-se a uma casa religiosa à qual dava assistência espiritual, encontrou-se com um jovem professor, de nome Adrien Nyel, que lhe fez um pedido para o auxiliar em um projeto de abertura de uma escola para as crianças pobres de Reims. Após refletir por algum tempo sobre a proposta, La Salle decidiu aceitá-la. Weschenfelder assim descreve a abertura da primeira escola:

A primeira escola foi assumida no dia 15 de abril de 1679, no bairro de São Maurício. Na mente de La Salle, sua responsabilidade acabaria ali. O resto ficaria com o senhor Nyel. Porém, a significativa orientação pedagógica dada pelo Cônego de La Salle surtiu efeito inesperado naquela primeira escola, através da educação de menores de rua que aprenderam conhecimento e atitudes de socialização (RANGEL e WESCHENFELDER, 2008, p. 18).

Mal sabia, porém, que Nyel era mais ambicioso do que parecia à primeira vista: com o sucesso desta primeira escola, foram surgindo outras, e num curto espaço de tempo já existiam dez escolas; aparentemente atendia a todos os pedidos que se lhe apresentavam. Quando o número delas já era significativo, repentinamente Nyel saiu de cena, deixando a responsabilidade com La Salle.

O resultado disso foi a continuação da obra, com o surgimento de novas escolas, a fundação de um Instituto Religioso (chamado Irmãos das Escolas Cristãs, ou Irmãos Lassalistas) que passou a tomar conta das escolas. La Salle passou a dedicar-se de corpo e alma à obra, renunciando ao cargo de cônego, organizando um curso de formação de professores e escrevendo diversas obras sobre educação. Não demorou para fazer perceber que o seu ideal de educação era o de uma escola que fosse organizada, funcionasse da manhã à noite, e preparasse o aluno para ser cidadão e a viver bem na sociedade.

Faleceu em 1719, na cidade de Ruão. De acordo com Justo:

La Salle realizou muito, muitíssimo (...). Em toda parte, ao lado do pugilo de amigos – geralmente impotentes – que o alentavam, enxameavam os que lhe moviam guerra à própria pessoa e à obra. Não houve, entretanto, quem pudesse demovê-lo do ideal (...). Reformou métodos e processos, fixou programas, abriu escolas destinadas à formação de professores primários, iniciou o ensino técnico, lançou as bases do ensino secundário moderno (...) (JUSTO, 2003, p. 100).

2. A educação no tempo de La Salle

João Batista de La Salle viveu numa época em que a educação estava bastante deteriorada. Concentrada nas mãos de poucos, a imensa maioria das crianças e jovens não tinham acesso a ela. As escolas paroquiais, ligadas à Igreja e atendidas por padres, eram das poucas que

lecionavam às crianças e jovens pobres. Já a educação pública ainda não estava devidamente institucionalizada. As escolas privadas eram em geral caras. As crianças e jovens vagabundeavam pelas ruas, sem ter o que fazer nem para onde ir. Aranha (2006) destaca alguns educadores que fizeram algo por uma reforma da escola nesse período: Charles Démia, que defendia a educação popular; Compayré, que defendia escolas que dessem instrução religiosa, disciplinar e de trabalhos manuais; e La Salle, que privilegiava o francês em detrimento do latim e preferia lições práticas para os alunos, agrupados em classes e por níveis de dificuldade.

Vale lembrar que, nesse período, a escola chamada “simultânea”, ou seja, vários alunos numa mesma classe, não era coisa comum. Costumeiramente os professores davam lições individualmente. La Salle popularizou essa prática, bem como a da formação de professores.

3. Contribuições de La Salle para a educação

João Batista de La Salle, apesar de ser filósofo e teólogo, e não ser pedagogo, teve uma contribuição muito importante para a pedagogia do seu tempo. De acordo com Poutet e Pungier,

La Salle aproveita o que se iniciara antes dele (...). há, porém, grande vazão na formação de mestres para a rapaziada. A essa área particular consagra os esforços. Com isso, responde a uma das mais prementes necessidades da época, adquirindo experiência e competência fora do comum neste setor especializado. (...) La Salle abre caminho novo: eleva a profissão de educador do povo (...); funda comunidade cujos membros trabalham “juntos e por associação nas escolas gratuitas” (POUTET e PUNGIER, 2001, p. 43).

Cabe destacar que essa foi uma das mais importantes contribuições para a educação que La Salle deixou: a formação de professores. Ao assumir as escolas, não havia uma preparação específica para dar aulas; os professores eram simplesmente pessoas que sabiam um pouco mais e se dispunham a ensinar esse pouco que sabiam, sem preparação anterior; alguns até mesmo porque não tinham outro emprego. Cobravam para isso, pois não havia, por parte do governo de Luis XIV, uma política pública de educação. Porém, pessoalmente, na sua maioria, eram pessoas rudes, que nada sabiam da arte de ensinar. La Salle fundou uma obra que chamou de “Seminário para mestres rurais”, destinado a preparar esses professores. Antes disso, porém, já havia reunido um grupo deles em sua própria casa, em regime de internato, para dar-lhes a educação e a instrução necessárias.

Outra contribuição foi a propagação das chamadas “classes simultâneas”. Embora não tenha sido invenção sua, foi nas escolas de La Salle que tiveram grande impulso. Na sua obra

Conduite des Écoles Chretiennes criou um método para se trabalhar com esse tipo de escolas, método esse que foi muito conhecido e divulgado na época.

Além disso, as escolas de La Salle acolhiam a todos que as procurassem, ricos e pobres, dando preferência a esses últimos. A ninguém cobrava nada, o que muitas vezes provocou a ira de seus concorrentes. Toda a obra vivia de doações.

Desenvolveu um método todo especial, que valorizava de maneira especial a pessoa do educando. Era um método altamente humanista, e que incentivava o professor a conhecer individualmente cada um dos alunos, para saber a melhor maneira de trabalhar com cada um deles. Isso era feito em forma de relatórios, que eram apresentados ao diretor da escola que se encarregava de fazer a devida comparação entre os anos anteriores e o atual e verificar se houve ou não crescimento (cf. LA SALLE, 1997, p. 143).

Em suas escolas, um dos ideais mais importantes era a integração do educando à sociedade, não importando qual a sua classe social, dentro do sistema piramidal da Idade Média. Para isso, era fundamental que todos aprendessem algum ofício manual, que tivessem boas maneiras, que soubessem falar, ler e escrever fluentemente em francês (as escolas então valorizavam muito o latim e quase nada a língua pátria), a ir à Igreja sempre, enfim, a portar-se como um verdadeiro cidadão.

É importante essa maneira de La Salle de ver as coisas, pois na época a divisão em classes sociais era muito mais acentuada que hoje, sendo praticamente impossível alguém passar de uma classe a outra, mesmo que por casamento, como aconteceu com Luís de La Salle, pai de João Batista, que, sendo da burguesia, ao casar-se com alguém da nobreza, não mudou de *status* social. E só os ricos eram bem educados, sabiam ler e escrever, tinham boas maneiras. La Salle via a escola como um instrumento de ascensão social.

Outras fundações que chamam a atenção: uma escola correcional, para jovens delinquentes, que eram enviados pela justiça de todas as partes da França, e as escolas técnicas, voltadas exclusivamente para o ensino de alguma profissão.

4. O Guia das Escolas

Uma das obras mais importantes de La Salle intitulava-se *Conduite des Écoles Chretiennes*, ou Guia das Escolas Cristãs. No Brasil ficou conhecido simplesmente como Guia das Escolas, embora não tenha tradução portuguesa.

De acordo com Weschenfelder, “o *Guia das Escolas Cristãs* predominou na França durante os séculos 18 e 19 como a mais importante orientação para a educação elementar, com numerosas edições” (RANGEL e WESCHENFELDER, 2008, p. 28). Esta obra reflete o ideal de educação de La Salle e, segundo Justo, está dividido em três partes:

A primeira trata de todos os exercícios da escola e de tudo o que nela se pratica desde o ingresso até a saída. A segunda indica os meios necessários e úteis para o mestre implantar e manter a ordem na aula. A terceira expõe: 1º) os deveres do inspetor das escolas; 2º) o cuidado e diligência do formador dos novos mestres; 3º) as qualidades que devem possuir ou adquirir os mestres e do que devem fazer para desempenhar bem seu dever na escola; 4º) o que devem observar os alunos (JUSTO, 2003, p. 108).

Um dos destaques da obra é, como acima citado, a valorização do aluno na escola. Ali estes deveriam ser tratados com moderação, e como pessoas. Havia uma distribuição de tarefas entre os alunos para que todos tivessem seu papel na própria formação e na dos colegas.

Considerações finais: a estética na educação de La Salle

Como vimos anteriormente, a estética é considerada como aquilo que pode ser conhecido pelos sentidos. Pode existir, assim, uma estética do sucesso e uma estética do fracasso, por exemplo. Não refere-se apenas àquilo que é belo, senão às diversas situações do cotidiano.

Freire assim fala da estética na educação:

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas (...) Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substancialmente formar (FREIRE, 2001, p. 32-33)

A educação não pode vir separada do senso estético. Ele é necessário para que haja uma educação de qualidade ao lado da valorização humana do educando. Enquanto escola, é importante estar atento a esse senso de “decência e boniteza”.

Na pedagogia de La Salle, essa noção aparece muito claramente na sua maneira de conduzir a escola, para que ela funcione bem. Essa era uma de sua principais ideias: fazer com que a escola funcione bem, da manhã à noite.

A noção de estética aparece ainda na organização. Segundo o Guia das Escolas, a escola deve ser organizada; os professores não devem falar muito, para evitar maiores barulhos; deve

haver um professor por classe, para que possa conhecer os alunos (e esse professor deve acompanhá-los no ano seguinte, até que saíssem da escola); os alunos têm determinadas funções que deveriam ser cumpridas; os professores utilizam-se do “sinal”, um aparelhinho pedagógico existente na época, para chamar a atenção dos alunos sem usar palavras; enfim, o livro descreve com clareza como deve ser uma escola “bonita”.

Além disso, a força da espiritualidade na formação dos alunos, ou seja, coerência com os pensamentos e sentimentos religiosos da época: ida à missa todos os dias, orações com os alunos nas classes, a lembrança constante da presença de Deus entre os alunos, tudo isso demonstrava que La Salle estava de acordo com seu tempo.

Em relação aos castigos físicos, que não eram proibidos, uma vez que sua prática era extremamente comum nas escolas da época, o senso de estética aparece em um verdadeiro rol de aplicações dos mesmos: quando se devia e quando não se devia aplicá-los, evitando-os sempre que possível, e orientando sobre a forma correta de fazer para que os alunos fossem castigados, e não machucados.

Percebe-se, assim, que nessas escolas, a ética e a estética caminhavam juntas, sempre de mãos dadas, como defende Freire. O resultado é apontado por Poutet e Pungier:

Iniciou-se uma verdadeira revolução social. Ampliar-se-á com a abertura de escolas a todas as crianças indistintamente. Realizará efetiva promoção dos menos afortunados graças ao contato deles com ambientes mais favorecidos POUTET e PUNGIER, 2001, p. 104).

Uma educação estética tem necessariamente que trazer mudanças para quem a vive e para a sociedade. Isso porque, segundo Freire, “educar é substancialmente formar” (2001, p. 33). E uma educação que forma, prepara não só o estudante, mas a sociedade, para viver melhor.

Referências

- ARANHA, M. L. de. *História da educação e da pedagogia geral e do Brasil*. 3ª Ed., São Paulo: Moderna, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 27ª Ed., São Paulo, Paz e Terra, 2001.
- HEGEL. *Estética: O belo artístico ou o ideal*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Col. Os Pensadores.

JUSTO, H. *La Salle: Patrono do Magistério*. 5ª Ed., Porto Alegre: Salles, 2003.

LA SALLE, J. B. de. *Guia de las escuelas cristianas*. Lima: Distrito Del Peru, 1997.

POUTET, Y; PUNGIER, J. *La Salle e os desafios de seu tempo*. Canoas: La Salle, 2001.

RANGEL, M; WESCHENFELDER, I (orgs.). *A didática a partir da pedagogia de La Salle*. 2ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

ROSENFELD, D. L. et al. *Ética e estética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.